



CINE UFPEL PARA ESCOLAS: UMA POTÊNCIA DE CRIAÇÃO

ELOISA SOARES CALDEIRA¹; MARÍLIA SHEILA SANTOS ²; CÍNTIA LANGIE
ARAÚJO³; LIÂNGELA CARRET XAVIER⁴

¹Estudante de Cinema e Audiovisual pela UFPel – eloisa.soaresc@gmail.com

²Estudante de Cinema e Audiovisual pela UFPel – mariliamortican@gmail.com

³Professora dos cursos de Cinema da UFPel – cintialangie@gmail.com

⁴Professora dos cursos de Cinema da UFPel – lanzacx@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

Arte não se ensina, arte se experimenta, afirma Bergala (apud LANGIE; RODRIGUES, 2017, p. 5). Pensando na etimologia da palavra “educar”, derivada do latim *educare*, que significa literalmente “conduzir para fora”, abordaremos aqui uma educação que direcione para estes novos encontros com o mundo, revelando mais perguntas do que respostas, abrindo, assim, espaços para a criação. “A arte se imbrica na educação como convite à sensação, invenção, criação” (op. cit. p. 2). Utilizamos aqui o cinema como arte em sua potência criativa e de proporcionar encontros e compartilhamentos.

O Cine UFPel para Escolas é um projeto de extensão realizados pelos professores e alunos dos cursos de cinema da UFPel, que se iniciou em 2015, tendo como objetivo a formação de público para o cinema nacional, oferecendo exibição de filmes para às escolas públicas de Pelotas¹. Conforme Barone (2008), o formato de mercado exibidor e distribuidor de cinema no Brasil, revela um gargalo histórico que fazem com que o cinema nacional não chegue ao público. Dos 457 filmes lançados no ano de 2016, apenas 142 eram brasileiros, ocupando em média 90 salas por filme contra 213 ocupadas por filmes estrangeiros².

As poucas salas de exibição, transformadas em *multiplex* dos complexos dos *shopping centers*, o aumento do ingresso e a ocupação de grandes conglomerados de filmes norte-americanos, principalmente de *Hollywood*, fizeram com que o público se afastasse e desacostumasse com o cinema nacional. “No caso brasileiro, a pouca frequência dos filmes no circuito comercial compromete aspectos simbólicos da formação do imaginário social” (op. cit. p. 6).

Então, resgatando o conceito de “conduzir para fora”, as obras exibidas no Cine são aquelas *fora* dos circuitos comerciais e *fora* das narrativas clássicas *hollywoodianas*. Para além do entretenimento ou ferramenta ilustrativa de conteúdos da base curricular, os filmes são trabalhados em seus aspectos de valor artístico, cultural e estético, como propõe Duarte e Alegria no artigo *Formação estética audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação* (2008). Procura-se *retirar* o aluno de sua zona de conforto, trazendo novas experiências de assistir (e experimentar) a algo que usualmente não é consumido por ele.

¹ A exibição dos filmes acontece na sala de cinema Cine UFPel, localizada na Agência da Lagoa Mirim.

² Dados do Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro 2016, realizado pela Ancine. Disponível em: https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/publicacoes/pdf/anuario_2016.pdf



2. DESENVOLVIMENTO

As exhibições dos filmes acontece em ambiente adequado: uma sala escura com poltronas reclináveis, telona com qualidade de som e imagem. O dispositivo da sala de cinema é uma infraestrutura importante para uma verdadeira experiência-cinema dos alunos junto com a obra fílmica; experienciá-la na sala escura, sem objetos de distração, diferente de outros dispositivos mais acessíveis aos jovens como computador, celular e televisão, tendo uma relação diferente espectador-filme.

A curadoria é realizada, verificando a classificação indicativa de acordo com as idades dos grupos de estudantes. Feito isso, é prezado a exibição de filmes nacionais que não entram nas salas comerciais, buscando aumentar o repertório artístico dos alunos e mostrar que existe muito cinema brasileiro e cinema pelotense sendo realizado, pensando “[...] a escola como abertura de mundos” (LANGIE; RODRIGUES, 2017, p. 3). A diversidade é um fator importante porque provoca dúvidas e inquietações e fazem as crianças questionarem os próprios padrões de qualidades impostos nos filmes que geralmente têm acesso (DUARTE; ALEGRIA, 2008).

E não basta apenas assistir a bons filmes, é preciso aprender analisá-los, julgá-los e apreciá-los. Através de debates e atividades após a sessão, são levantados alguns termos técnicos, conceitos e palavras do mundo cinematográfico, onde o aluno adquire maior capacidade de julgamento estético, pois se experimenta a arte em maior profundidade, tendo um contato íntimo com ela. Ninguém gosta daquilo que não conhece. E é a partir da proximidade que o aluno pode descobrir potenciais de si mesmo que desconhecia, abre-se portas para a criação.

A Formação Estética Audiovisual, articulada por Duarte e Alegria (2008), amplia-se para fora do cinema, visto que, atualmente, a linguagem audiovisual, em múltiplos dispositivos (tevé, computador, celular, etc) se torna tão importante quanto a escrita. É também preciso alfabetizar *audiovisualmente* e *artisticamente*. E esta competência de ver e saber apreciar, tão elitizada e valorizada socialmente, se faz através do contato, pela imersão, em percorrer ambientes onde a arte é valorizada e é objeto de fruição. A educação, acima de tudo, é instrumento de emancipação e democratização.

3. RESULTADOS

Desde o ano de criação do projeto, em 2015 até a data da publicação deste artigo, recebemos cerca de 30 visitas de alunos das escolas E.M.E.F Dr. Joaquim Assumpção; Colégio Estadual Félix da Cunha; E.E.E.F. Padre Anchieta; E.M.E.F. Santa Irene; E.M.E.F. Olavo Bilac; E.E.E.F. Sagrado Coração de Jesus; E.E.E.F. Francisco Simões; E.M.E.F. Ferreira Viana; I.E.A Dona Conceição e E.M.E.F.M. Fernando Osório. E tivemos mais de 350 alunos da rede pública atendidos.

Através das conversas com as crianças e com uma pesquisa³, percebemos que elas têm um contato usual com filmes, mas em sua maioria pela TV a cabo, seguido pela Internet e serviços *on demand* juntos, estando a sala de cinema em

³ Pesquisa de opinião realizada com alguns alunos em 2016 através de questionário



terceiro lugar, tendo poucos casos de nunca terem ido a uma sala. Constatamos também que as crianças dificilmente sabiam citar títulos de obras brasileiras e que poucas sabiam que se fazia cinema em Pelotas e no Brasil.

As poucas que usualmente já assistiram a filmes nacionais, quando questionadas por quê não viam com mais frequência, mais de 80% disse porque não costuma gostar ou porque acaba escolhendo outros.

E quando perguntado sobre quais filmes gostavam, quais histórias gostariam de ver no cinema nacional, os gêneros mais citados eram o terror, a ação e a comédia, muitas vezes se referindo a títulos de grandes sucessos de *Hollywood*.

Vimos também como o audiovisual contribui para a criação do imaginário das crianças e dos adolescentes. Propomos para uma turma, depois de já terem frequentado algumas vezes o Cine, uma atividade de criação de uma pequena história com alguns elementos básico que fornecemos. Notamos que maioria delas apresentava traços semelhantes com os curtas que exibimos, revelando a mídia como uma importante ferramenta educacional, não só a trípode de instituições clássicas: família, igreja e escola.

4. AVALIAÇÃO

Nesses dois anos verificamos que os melhores resultados foram com as escolas que voltaram mais vezes ao Cine, que conseguiram completar um semestre inteiro, indo em média uma vez por mês. Portanto trata-se de um projeto a longo prazo, que deve ser trabalhado em conjunto com outros setores da educação, dando continuidade e tendo uma certa periodicidade nas projeções dos filmes, como qualquer outra matéria de base curricular. Assim, com essas turmas tivemos maior intimidade delas conosco e delas com o cinema, conseguindo trabalhar com diferentes linguagens, desde a mais clássica a outras mais arejadas.

Uma das nossas maiores dificuldades está relacionado ao deslocamento dos estudantes até o Cine. O transporte é uma contrapartida das escolas, mas que se torna difícil por falta de apoio da prefeitura e do estado. Tentamos solucionar com o setor de transporte da universidade, que possui poucos automóveis e apresenta uma grande demanda.

Estuda-se, futuramente, a integração de professores para instruí-los no uso do cinema como potência em sala de aula e da importância das artes para o desenvolvimento dos estudantes, pois, muitas vezes, encontramos resistência por parte das coordenações escolares. Outra integração analisada é com o projeto de extensão Vídeos nas Escolas, coordenado pelo professor de cinema da UFPEL, Josias Pereira, onde é oferecido oficinas que ensinam aos alunos a produzirem curta-metragens.

O Cine nas Escolas também tenta contornar a questão de distribuição/exibição do cinema nacional, na tentativa de incentivar uma oxigenação do repertório audiovisual dos jovens e das crianças, permitindo a coexistência entre referências da mídia de massa, já conhecida, e referências de arte brasileira, de valor artístico e cultural. Sendo uma ferramenta importante na criação de público para o cinema e para o audiovisual não-hegemônico. Também contribui na formação dos próprios bolsistas, que encontram outros olhares e sensibilidades em contato com as crianças. Adquirindo novas experiências que abrem portas para novas criações, questão tão importante para o artista.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEGRIA, João; DUARTE, Rosalia. Formação estética audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v.33, n.1, p.59-80, 2008.

BARONE, J.G. Exibição, crise de público e outras questões do cinema brasileiro. **Sessões do Imaginário**, Porto Alegre, v.13, n.20, 2008.

LANGIE, Cíntia; RODRIGUES, Carla G. **Pensar uma escrita audiovisual: criação e cinema brasileiro na sala de aula**. 2017 (artigo no prelo).